

Sobre os Formadores de Opinião

Bruno Cardoso

Catarse Elétrica

<http://catarse.co.nr>

4 de agosto de 2007

Era mais uma bela manhã de domingo, céu azul, temperatura agradável, a brisa entrava pela janela e balançava as cortinas e o jornal que acabara de abrir com entusiasmo. Eis que ali, na terceira ou quarta página, estava aquilo que ele procurava com tanta avidez:

Prezado Leitor,

O **Comitê Nacional Formador de Opinião** vem por meio deste informar quais deverão ser suas opiniões ao longo da semana sobre os mais diversos assuntos que estão e estarão em pauta no país e no mundo. A não ser que tais itens sejam revisados por nós nos próximos dias, é dever do leitor praticar e defender com sua honra todos os pontos aqui explicitados contra aqueles que não têm acesso aos nossos comunicados ou aos subversivos que teimam em nos contrariar.

Lembramos ainda que nossas opiniões são fruto de vários anos dedicados aos estudos nas mais diversas áreas, tanto no Brasil quanto em países de primeiro mundo, e, portanto, são de extrema importância para o desenvolvimento intelectual e social. Além disso, acreditamos que seja nosso dever compartilhar opiniões e visões de mundo que ao longo dos anos têm se mostrado válidas e verdadeiras, contribuindo assim para o bem estar da nação e para a gradual evolução cultural de nosso povo.

Por isso pedimos bastante atenção na leitura e memorização dos itens relacionados abaixo, pois qualquer má interpretação poderá resultar em um debate vergonhoso ou em uma péssima imagem perante a sociedade. Recomendamos que esta nota seja recortada na linha tracejada e distribuída entre a família e amigos, pois é dever do cidadão propagar informações de qualidade e lutar por um país melhor.

Seguia-se, então, pouco mais de meia página com itens relacionados à política, atualidades, futebol, novelas, religião e comportamento, de tal modo que a leitura do restante do jornal tornava-se entediante e óbvia demais.

Seu café esfriou sobre a mesa enquanto punha-se a sussurrar todos os itens várias e várias vezes, assentindo sutilmente com a cabeça a cada tópico que julgava sensato ou genial.

Recortou com todo o cuidado a nota do Comitê e fixou-a com ímãs na geladeira. A esposa não entendia porque o marido se interessava tanto por aquilo, embora também lesse todos os itens enquanto fazia o almoço daquele dia.

Mais tarde, todos se sentavam à mesa para o jantar, marido, mulher e os dois filhos, e ele, sob a responsabilidade de pai e, antes de tudo, cidadão, empolgava-se ao propor temas presentes na listagem afim de testar se os argumentos da família estariam de acordo com os da geladeira.

Qualquer argumentação falha ou ambígua poderia resultar em alguma privação ou castigo. Não achar nada era ruim, mas achar algo diferente do que fora proposto era inaceitável.

E na segunda-feira ele acordava disposto, tomava um café rápido, mal se despedia da mulher e ia logo para o trabalho, sussurrando discussões imaginárias onde humilhava seus colegas com argumentos irrefutáveis e era aclamado por todos como o melhor orador. Imaginava-se repetindo com falsa modéstia para os colegas atônitos: "tudo isso é fruto de muito estudo, meus caros!".

No entanto, no escritório, todos pareciam compartilhar de desejos semelhantes e o alvoroço era grande nas manhãs de segunda-feira. Havia muito que não se cumprimentavam ou comentavam sobre a vida ou a família, pois as conversas se iniciavam sempre com provocações inspiradas nos itens que continham palavras incomuns ou sobre os que eram mais longos e de difícil memorização. Qualquer deslize significaria humilhação pelo restante da semana.

Desta forma, aqueles que não costumavam dar muita atenção às opiniões do Comitê eram praticamente obrigados a ler, entender e decorar as listagens semanais e a ficar na defensiva durante toda a semana – pessoas assim não costumavam ter muita credibilidade – aguardando o momento certo de contra-argumentar e, talvez, recuperar a honra perdida.

Havia aqueles que se destacavam e sempre venciam os debates, pois dedicavam todo o fim de semana à leituras de notas, boletins, panfletos e referências divulgadas pelos Formadores de Opinião nos mais diversos veículos de comunicação. Ao fim do mês o chefe, também entusiasta de discussões acaloradas – embora inventasse argumentos "confidenciais" do Comitê a fim de ganhar toda e qualquer discussão e jamais era contestado por isso –, o chefe elegia aquele que perdia menos discussões como o trabalhador do mês e contemplava-o com abonos e um dia a mais de folga (mesmo que o sujeito não trabalhasse tanto assim).

Ao fim do dia retornava para casa, eufórico ou desanimado, e detalhava todas as discussões que tivera para a mulher e os filhos. Não havia outros assuntos, não existiam problemas domiciliares e nada mais tinha importância.

Havia, entretanto, irritação e ódio, pois já na quarta ou quinta-feira, por mais longa e complexa que fosse a listagem do Comitê, todos os itens haviam se esgotado e tinham sido repetidos ao menos dez ou vinte vezes, de tal modo que aumentavam as especulações e ansiedades sobre a próxima nota que só sairia no domingo. Criava-se uma atmosfera hostil nos lares e nos escritórios, silenciosa e tensa, havia a iminência de discussão e isto fazia os dentes rangerem e a cabeça doer.

Era precisamente nesses dias que as pessoas mais trabalhavam e ficavam várias horas além do expediente repetindo mecanicamente suas tarefas com a mente distante em discussões passadas ou imersas na paranóia de ter o silêncio violado.

Na sexta-feira à noite e durante todo o sábado multiplicavam-se rumores de possíveis

opiniões. Amigos se reuniam em casa ou em bares para discutir, a meio tom, com reservas e cautelosamente, os supostos itens que nem sempre figuravam nas publicações oficiais.

E eis que finalmente chegava um novo domingo repleto de novas opiniões, os ânimos eram resgatados, a euforia surgia mais uma vez e todos liam, e entendiam, e memorizavam, e repetiam...